

3 DE SETEMBRO



Imagem: Francisco de Zurbarán - The York Project (2002) / Wikipedia

SÃO GREGÓRIO MAGNO PAPA E DOUTOR (CA. 540-604)

Gregório, sempre atento aos desígnios de Deus a respeito de sua pessoa, exerceu as funções mais elevadas na Igreja e, suprimindo as carências dos outros, interveio também no campo civil, mas com a clara consciência de cumprir um dever e de ser um simples “servo dos servos de Deus”.

CRISTÃO DESDE O NASCIMENTO

Nasceu em Roma por volta do ano 540, da nobre família dos Anici. Seu pai, Gordônio, senador, e sua mãe Sílvia eram estimados pela comunidade cristã e depois que morreram foram elencados entre os santos. Duas tias, Tarsila e Emiliana, tinham se consagrado como virgens e entre os seus antepassados encontramos dois papas, Félix III e Agapito. Pode-se dizer que Gregório, desde pequenino, bebeu o cristianismo junto com o leite materno que o nutriu.

Frequentou com proveito a escola, estudando Letras e especializando-se depois em Direito. Pela particular posição social da família foi destinado à carreira, então prestigiada, de funcionário imperial.

Com 30 anos apenas foi nomeado prefeito da cidade, o mais eminente cargo civil de Roma. Devia ocupar-se com o bom funcionamento de toda a máquina estatal, da segurança pública e do abastecimento de gêneros alimentícios. Além disso, devia ter bom relacionamento com o Papa, que tinha uma grande importância social, e estar sempre atento às disposições que lhe vinham do exarca de Ravena, que representava o imperador no Ocidente.

Não era uma vida fácil, mas foi uma experiência preciosíssima. Em seus anos de oficial público, fez sua a secular experiência da administração pública e colocou-se a serviço dos cidadãos, sem jamais se deixar corromper.

Em seu governo, Roma refloresceu e até mesmo os pobres tiveram com o que alimentar a si e aos seus. Dessa maneira, não só ganhou a estima das autoridades do império, às quais Roma tinha dado sempre enorme atenção, mas conquistou o amor geral de todos

os romanos, que gostavam de chamá-lo de “o cônsul de Deus”.

Tinha feito, em pouco tempo, uma carreira invejável; seu futuro estava assegurado. O exarca de Ravena, ao receber o acerto de contas anual do governo da Urbe, não podia senão que elogiá-lo. Uma coisa, porém, deixava todos curiosos: por que jamais esse brilhante funcionário, que vestia com graça a vestimenta de seda guarnecida de pedras preciosas, como convinha ao seu status social, não se casava? As irmãs de Gregório tinham permanecido virgens, levavam vida monástica na casa paterna; em Roma e nos arredores floresciam mosteiros masculinos e femininos, onde se recolhia a fina flor da juventude que, renunciando ao mundo, retirava-se em alegre companhia para aquele *otium* tão diferente do ócio dos antigos romanos porque era povoado de realidades celestes.

A ESCOLHA DECISIVA

Gregório pensou durante muito tempo e, depois da morte de seu pai, quando até mesmo sua mãe se retirou para um mosteiro, realizou o sonho que há tanto tempo vinha amadurecendo no seu coração. Destinou a casa paterna – um grande complexo construído com gosto de gerações por gerações de antepassadas sobre o monte Célio – para ser mosteiro intitulado Santo André e outros seis construiu-os em suas terras na Sicília.

Após ter entregado seu cargo de prefeito nas mãos do exarca, cumprindo de maneira escrupulosa todos os atos prescritos pela lei, enriquecido só com a

bem-aventurança evangélica da pobreza, apresentou-se a Valeriano, o abade de Santo André, para pedir humildemente que lhe fosse permitido fazer em suas mãos a profissão monástica. Depôs as vestes luxuosas de seda e passou a envergar o humilde hábito de monge.

Livre das preocupações terrenas, podia finalmente mergulhar nas coisas de Deus. Observava a regra monástica ao pé da letra: oração, estudo, trabalho e severas penitências. Os jejuns prejudicaram-lhe para sempre o estômago; o trabalho, mesmo o manual, não lhe agradava muito, mas onde se realizava plenamente era na oração e no estudo da palavra de Deus.

Mais tarde, recordará com saudades desse período de luz: “Na verdade, quando eu estava no mosteiro tinha condições não só de impedir à língua as palavras inúteis, mas ter ocupada a mente em um estado quase contínuo de oração profunda, mas depois que submeti minhas costas ao peso do múnus pastoral, meu espírito não mais pôde se recolher em si mesmo, porque está dividido entre muitas atividades. Sou constrangido ora a cuidar das questões das Igrejas, ora dos mosteiros, frequentemente a examinar a vida e as ações das pessoas; ora a interessar-me por atividades particulares dos cidadãos, ora a gemer sob as espadas dos bárbaros invasores e a temer os lobos que rondam o rebanho que me foi confiado”.

À contemplação unia o estudo da Escritura e dos padres. Não conhecendo bem o grego, lia

a *Vulgata* e os padres latinos, sobretudo Agostinho e Jerônimo. Foram anos preciosos para crescer na sabedoria sem se ensoberbecer. “Os homens santos” – escrevia – “quanto mais avançam na virtude diante de Deus, tanto mais se veem indignos; porque enquanto se aproximam mais da luz, descobrem o que neles estava escondido; e quanto mais aparecem a si mesmos disformes exteriormente, tanto mais é belo aquilo que vêem no interior”.

Tudo isso acontecia graças ao carisma monástico. Gregório estava convencido de que seria monge para sempre

O Papa desse tempo, mesmo deixando-o no mosteiro, ordenou-o diácono e lhe confiou a coordenação da ação caritativa da Igreja. Quem melhor do que ele teria sabido prover às necessidades de uma cidade, cada dia mais repleta de pessoas que vinham de todos os cantos, pedindo proteção contra as invasões intermináveis daqueles povos que desciam ameaçadores dos Alpes? ●

DICA DE LIVRO



MÁRTIRES E SANTOS DO CALENDÁRIO ROMANO,

de Enrico Pepe, publicado pela Editora Ave-Maria.